

Métodos de Ensino em Psicologia Clínica

DANIEL SAMPAIO (*)

CELESTE CARVALHO (**)

ISAURA L. GOUVEIA (**)

1 — INTRODUÇÃO

Ao introduzirmos os trabalhos desta Mesa Redonda, queremos salientar dois pontos que consideramos relevantes para o ensino de Psicologia: a necessidade constante de uma *Equipa de Ensino*, em primeiro lugar, e a *articulação da Escola* com o exterior, em segundo.

a) *Equipa de Ensino* — O Ensino de Psicologia e particularmente o Ensino da Psicopatologia Geral pressupõe, em nossa opinião, a necessidade de uma Equipa de Ensino que funcione de modo coordenado e onde o ensino prático e teórico possa encontrar uma permanente descoberta e revitalização. Assim, deverá ser abolida o mais possível a clássica distinção entre a aula prática e teórica, sendo cada encontro com os alunos um fórum de discussão e participação sobre os temas das cadeiras. As aulas classicamente designadas como práticas — mas que devido ao excessivo número de alu-

nos por assistente serão agora quando muito teórico-práticas — deverão, no caso da Psicopatologia Geral, ser feitas com doentes ou quando muito com material de video-tape de entrevistas clínicas. As aulas teóricas procurarão também introduzir temas da prática quotidiana, afastando-se de temas mais livrescos.

A avaliação-tema a desenvolver no decurso desta Mesa Redonda — deverá ser sobretudo virada para a clínica e para a observação psicopatológica

b) *A Articulação da Escola com o exterior* parte do princípio de que o Ensino da Psicologia Clínica e particularmente da Psicopatologia Geral necessita um constante aprofundar da delimitação do conceito de normal e patológico. Não esquecemos que na Psicologia há um vasto campo de Ensino e de investigação que tem a ver com a Psicologia normal, mas em Psicopatologia só se pode compreender o que é disfuncional em contacto com o saudável e vice-versa.

Deste modo parece-nos fundamental que o ISPA se articule de um *modo permanente* com uma ou várias instituições de saúde mental, de maneira a que os alunos tenham

(*) Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa.

(**) Assistentes no ISPA.

de facto acesso à patologia psiquiátrica, podendo realizar entrevistas, fazer trabalhos e estudar casos clínicos de uma forma sistemática.

Também as tentativas de inserção do ISPA na realidade da comunidade circundante nos parecem realçar, pois a nossa visão de psicólogo clínico é a de alguém profundamente empenhado no seu sistema relacional.

2 — O ENSINO PRÁTICO DA PSICOLOGIA CLÍNICA

A necessidade sentida, de uma prática não desfazada do ensino teórico, implica a existência de equipas de ensino dinâmicas possuindo prática clínica que lhes permita sensibilizar o aluno para a realidade da entrevista psicológica, utilizando ainda algumas técnicas tais como: gravações em vídeo, rolle-playing na prática da entrevista, de evidentes vantagens didáticas, permitindo ao aluno como que uma situação de transição entre a teoria e a prática, aproximando-o do confronto com a presença física real do entrevistado.

Sabemos que, apesar do emprego destas técnicas e do ensino dos conceitos gerais sobre o tema, estas só se podem desenvolver e completar na prática, pois, nada pode substituir a vivência da experiência do encontro com o outro.

Entendemos a entrevista psicológica, como uma relação humana com características especiais que não é só colheita de elementos, mas sistematização destes e compreensão da realidade existencial de uma pessoa. Daqui surge a necessidade de ligação da Escola com outras Instituições, onde os alunos antecipadamente possam fazer a aplicação prática dos conhecimentos teóricos. Quando nos referimos a Instituições, não pretendemos dizer só as psiquiátricas, mas também Centros de Saúde Mental e Escolas.

É na verdade imprescindível, que o aluno quer seja estagiário ou não, se integre em equipas multidisciplinares, onde o trabalho que se realiza seja discutido, para que atinja os objectivos já citados e para que precocemente se aperceba que o isolamento profissional acaba por levar o técnico a encobrir as dificuldades, com a onnipotência e com a estereotipia. Mas daqui se pode também inferir, que o aluno deveria poder apresentar o seu próprio modelo, já que, em equipa, ele será confrontado com outros que não só os psicológicos.

3 — A AVALIAÇÃO DO ENSINO

A avaliação ideal do ensino, passaria por um conhecimento individualizado, que só seria possível ao docente, mediante a existência de turmas com um número reduzido de alunos; seria tanto mais eficaz, quanto se pudesse aproximar de uma avaliação dita contínua.

Dado que na realidade, o número de alunos por turma, é superior ao considerado ideal para a avaliação mencionada, recorremos à realização de testes escritos semestrais, que embora de concepção clássica, confrontam os alunos com casos clínicos.

Outro momento de avaliação, passa pela elaboração de trabalhos em grupo, cujo tema é de escolha livre, no âmbito da Psicopatologia.

Consideramos importante, a sensibilização dos alunos para a observação e entrevista psicológica com doentes, cuja apresentação poderá ser considerada como trabalho prático. Para isso seria fundamental a existência de estruturas, de forma a que os alunos pudessem contactar directamente com os doentes; a forma de o mediatizar, passaria pela efectivação de protocolos de colaboração entre o ISPA e as diversas Instituições de Saúde Mental.

CONCLUSÕES

1 — É fundamental na formação do psicólogo clínico o domínio da Psicopatologia. No entanto, a Psicologia Clínica não tem que imitar modelos, mas apresentar o seu próprio que não se esgota no psicopatológico.

2 — O Ensino da Psicopatologia geral pressupõe uma eficaz articulação com um serviço de psiquiatria.

3 — O ensino prático de Psicologia Clínica pode ser facilitado, se se concretizar no

ISPA um gabinete de atendimento à comunidade.

4 — O Ensino da Psicologia Clínica, particularmente o da Psicopatologia, necessita de uma *Equipa de Ensino* em permanente evolução.

BIBLIOGRAFIA

- KAPLAN & SADOCK (1985). *Comprehensive Textbook of Psychiatry* N.Y.: William e Wilkim.
- BLEGER, J. (1985). *Temas de Psicologia*. S. Paulo: Martins Fontes.